

Gion. Brasil

# Economista mostra riscos da "pefelização"

ROLF KUNTZ

A economia saiu da UTI mas é bom deixar tudo preparado para um possível retorno, disse ontem o professor Cláudio Contador, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, consultor de empresas e especialista em projeções. Embora haja sinais de melhora e a produção deva aumentar 3,3% neste ano, não se pode falar em retomada do crescimento, advertiu. Há retomada, explicou, quando se investe mais e a reativação se espalha por todos os setores. Não é o caso do Brasil. Além disso, com aqueles 3,3%, o Produto Interno Bruto (PIB) apenas retornará ao nível de 1989.

O risco mais sério, neste momento, é a *pefelização* da política econômica, segundo avalia Contador. É o pior cenário: se o presidente da República ceder à tentação de gastar mais, para aquecer a economia, a produção crescerá por algum tempo, a inflação voltará a subir e logo o País afundará noutra crise.

O outro cenário provável também não é bom, mas é menos desastroso. Mantida a atual política, a inflação deverá manter-se mais ou menos como hoje, nos próximos meses. Não haverá como derrubá-

la, por falta de um ajuste mais amplo da economia. Mas também não haverá espaço, no mercado, para uma nova disparada dos preços, diz o economista.

Neste momento, segundo Contador, a equipe econômica tem poucos meios de ação. A política monetária não pode ser mais dura, porque ainda existe déficit público e é preciso cobri-lo. Isso se faz com emissão de dinheiro ou com venda de títulos, ou ainda, com uma combinação das duas. No câmbio e no salário as intervenções têm sido limitadas e, se depender do ministro Márcilio Marques Moreira, os controles de preços não deverão voltar, acrescenta.

A situação cambial é boa, com reservas totais próximas de US\$ 20 bilhões. No setor externo, segundo Contador, o ministro Márcilio Marques Moreira conseguiu seus melhores resultados. Resta, no entanto, o desacerto do setor público — financeiro, funcional, administrativo e patrimonial. Na parte financeira, algum equilíbrio provisório pode ser alcançado, "talvez de forma atabalhoada", mais com aumento de impostos do que com redução de gastos.